

1793

1793

Niklas Natt och Dag

Tradução de Fernanda Abreu



Copyright © Niklas Natt och Dag, 2017
Publicado mediante acordo com Salomonsson Agency.

TÍTULO ORIGINAL
1793

Traduzido da edição inglesa *The Wolf and the Watchman*

PREPARAÇÃO
Marina Góes

REVISÃO
Luiz Felipe Fonseca
Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Túlio Cerquize

DESIGN ORIGINAL
© Favoritbuero, Munique

PINTURA DE CAPA
© Johan Sevenbom (1768) “Vista dos casebres na avenida Röda Bodarna com a Prefeitura (Palácio Bonde), a Casa da Nobreza Sueca e a Ilhota do Cavaleiro ao fundo” /
© Shutterstock.com

MAPA
© David Atkinson / handmademaps.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N231m

Natt och Dag, Niklas, 1979-
1793 / Niklas Natt och Dag ; tradução do inglês Fernanda abreu. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
432 p. ; 23 cm.

Tradução de: 1793
ISBN 978-85-510-0632-0

1. Romance sueco. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

20-62287

CDD: 839.73
CDU: 82-31(485)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Engodo gera engodo, violência gera violência.

Thomas Thorild, 1793

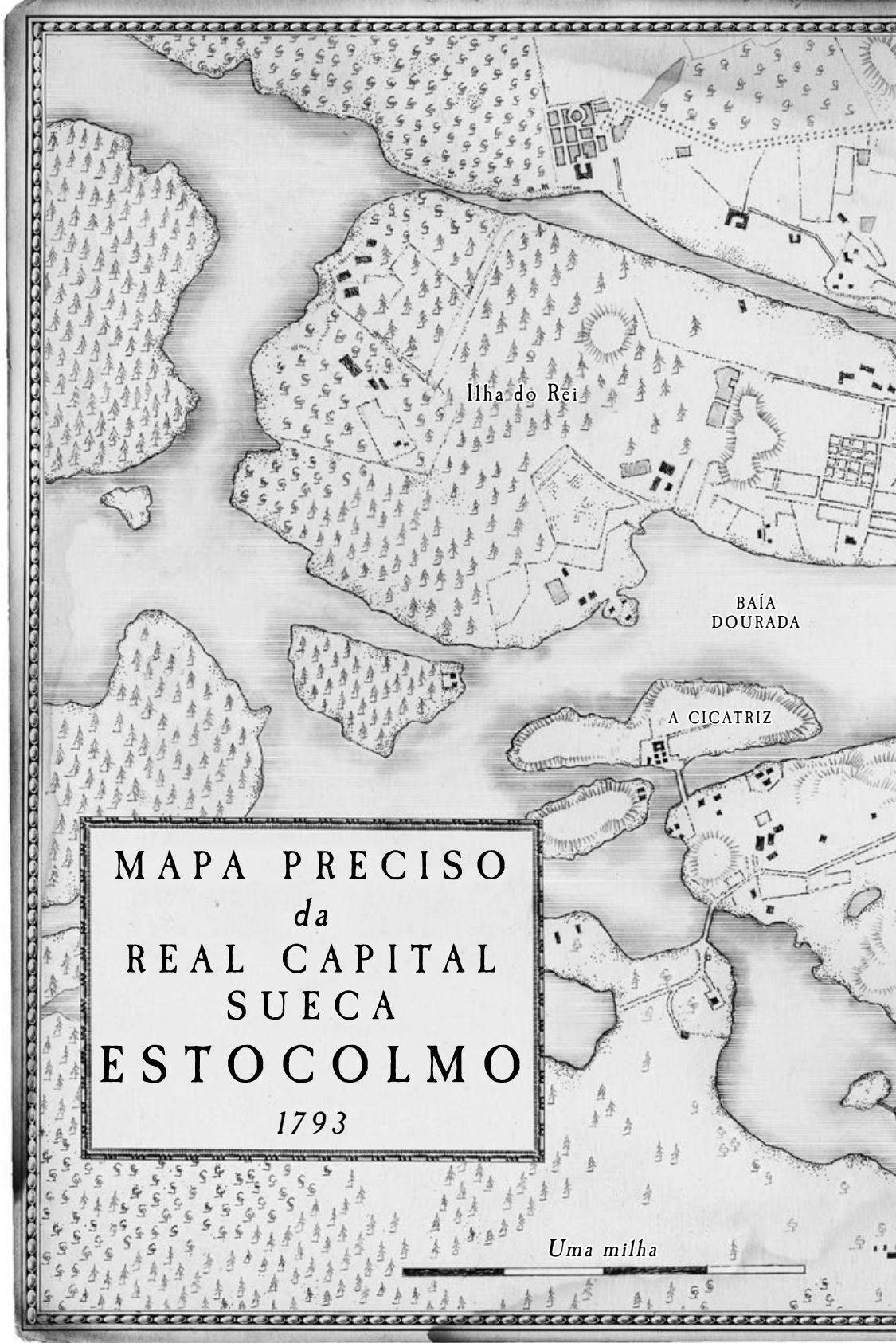
MAPA PRECISO
da
REAL CAPITAL
SUECA
ESTOCOLMO
1793

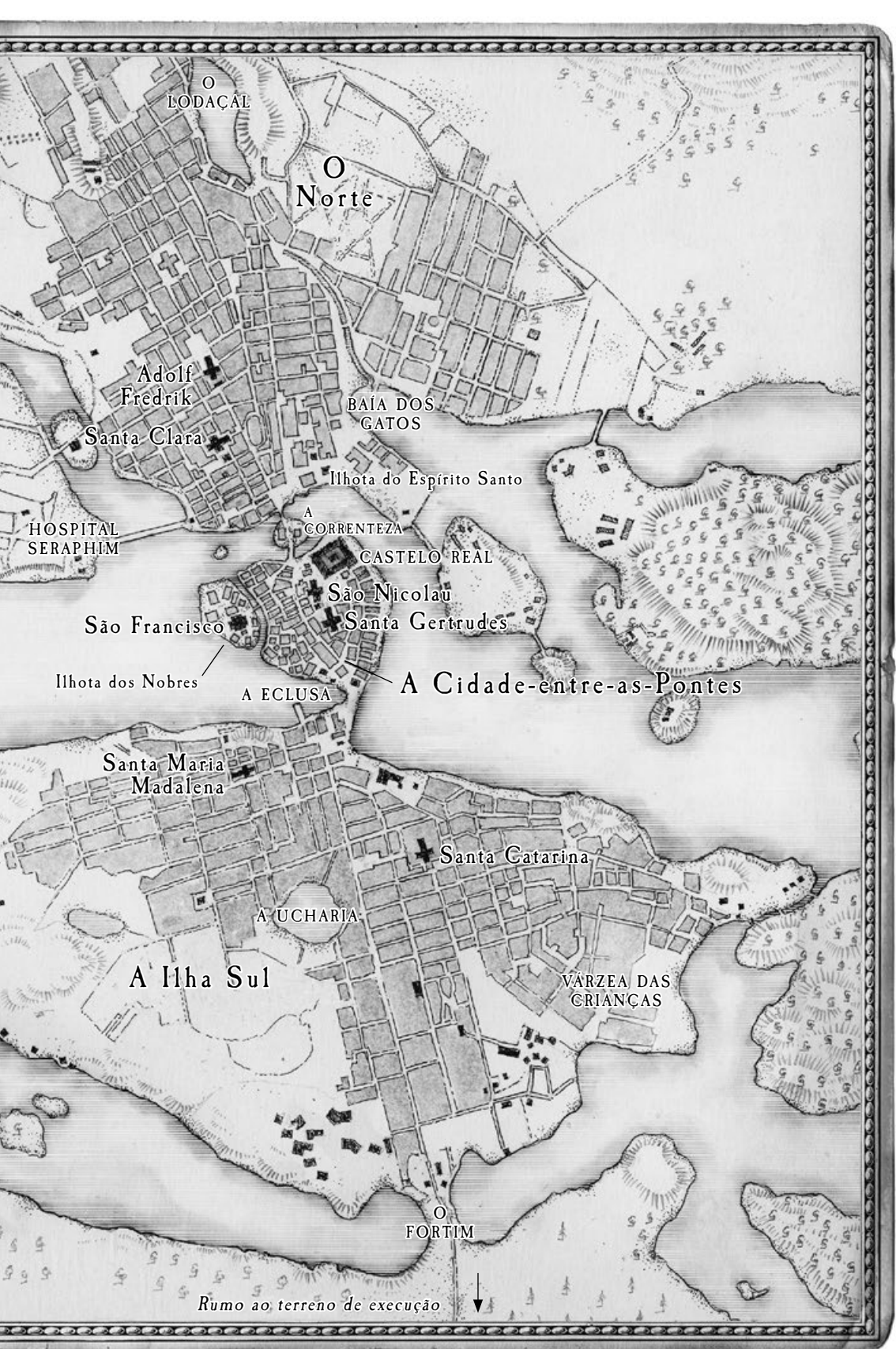
Ilha do Rei

BAIA
DOURADA

A CICATRIZ

Uma milha





PARTE UM

O fantasma da Indebetou

Outono de 1793

Uma grande calamidade se abateu sobre nós. Mil rumores circulam, um absurdo maior que o outro. Obter qualquer informação confiável é impossível, pois mesmo os viajantes apresentam relatos díspares, e todos me parecem um tanto poéticos em seus relatos. A atrocidade do crime, conforme descrito, é demasiado grande, tanto que não sei o que pensar a respeito.

Carl Gustaf af Leopold, 1793

MICKEL CARDELL ESTÁ boiando na água fria. Com a mão direita, segura Johan Hjelm pela gola: Hjelm flutua ao seu lado, imóvel, com uma espuma vermelha nos lábios. Sangue e água salobra deixam o uniforme de Hjelm escorregadio, e Cardell quer gritar quando uma onda lhe arranca dos dedos o último pedaço de pano, mas nada além de um ganido lhe escapa da boca. Hjelm afunda depressa. Cardell mergulha a cabeça e por alguns instantes acompanha a viagem do cadáver rumo às profundezas. Trêmulo de frio e de emoção, pensa ter visto outra coisa lá embaixo, bem no limiar daquilo que seus sentidos são capazes de perceber. Corpos mutilados de marinheiros submergem devagar, aos milhares, rumo aos portões do inferno. O Anjo da Morte, sobre cuja cabeça repousa uma coroa feita com o crânio de um morto, fecha suas asas sobre eles. Na voragem da correnteza, sua mandíbula se move para cima e para baixo numa risada de escárnio.

I

— **M**ICKEL! SENTINELA MICKEL! Acorde, por favor! Enquanto alguém sacode Cardell com vigor para que desperte, ele sente uma dor passageira no braço esquerdo, que não mais possui. Uma mão talhada em madeira assumiu o lugar do membro perdido. O coto repousa num espaço oco dentro da peça de faia presa ao cotovelo por correias de couro. As tiras cortam sua carne. Ele sabe que deveria ter tomado o cuidado de afrouxá-las antes de adormecer.

Relutante, abre os olhos e depara com a vasta planície da mesa suja. Quando tenta erguer a cabeça, vê que a bochecha está grudada no tampo de madeira e sem querer arranca a própria peruca ao se levantar. Praguejando, usa-a para enxugar a testa antes de guardá-la no casaco. Seu chapéu rola e cai no chão, com a copa amassada. Ele o recupera e coloca na cabeça. Sua memória começa a voltar. Ele está no Hamburgo, e deve ter bebido até perder a consciência. Uma olhadela por cima do ombro revela outros homens em condição semelhante. Os poucos bêbados que o dono considerou afluentes o bastante para não jogar na sarjeta ficarão esparramados pelos bancos e mesas até a manhã, quando voltarão cambaleando para receber em casa as reprimendas de quem os aguarda. Cardell não. Veterano de guerra aleijado, ele mora sozinho, e seu tempo não diz respeito a mais ninguém.

— Mickel, você precisa vir! Tem um cadáver na Ucharia!

As duas crianças que o acordaram são moleques de rua. Os rostos são familiares, mas ele não consegue recordar seus nomes. Atrás deles está parado o Carneiro, o cevado gerente que trabalha para a viúva Norström, dona da adega. Grogue de sono e com o rosto vermelho, o Carneiro se posicionou entre as crianças e uma coleção de vidros entalhados: o orgulho do estabelecimento, guardado a sete chaves dentro de um armário azul.

Os condenados param ali no Hamburgo a caminho do Portão do Fortim e do cadafalso mais adiante. Em frente à adega lhes é servida uma última bebida, e o copo em seguida é cuidadosamente recolhido, gravado com o nome e a data, e acrescentado à coleção. Os clientes só podem beber desses copos sob supervisão e após pagarem uma tarifa baseada no grau de infâmia do condenado. Dizem que dá sorte. Cardell nunca entendeu esse raciocínio.

Ele esfrega os olhos e se dá conta de que ainda está bêbado. Quando tenta falar, a voz sai enrolada.

— Que diabo está acontecendo?

Quem responde é a mais velha das crianças, uma menina. O menino tem lábio leporino e, a julgar pelos traços, é irmão dela. O hálito de Cardell faz o moleque torcer o nariz e se abrigar atrás da irmã.

— Tem um corpo dentro da água, bem na margem.

O tom de voz dela é um misto de terror e empolgação. As veias da testa de Cardell parecem prestes a estourar. As batidas de seu coração ameaçam afogar até o mais débil pensamento que tente produzir.

— E por que isso é problema meu?

— Mickel, por favor, não tem mais ninguém, e nós sabíamos que você estava aqui.

Ele esfrega as têmporas na esperança vã de aliviar a dor latejante.



Acima da Ilha Sul, o céu ainda não começou a clarear. Cardell sai cambaleando pela porta do Hamburgo, desce os degraus de entra-

da e acompanha as crianças pela rua deserta enquanto escuta sem prestar muita atenção o relato sobre a vaca que estava com sede, mas que saiu correndo apavorada na direção de Danto.

— O focinho dela tocou no corpo e o fez girar.

No chão, as pedras cedem lugar à lama à medida que se aproximam do lago. Há tempos o dever de Cardell não lhe permite ir além das margens da Ucharia, mas ele vê que nada mudou. Os velhos planos de limpar a margem e construir um cais com píeres não deram em nada, embora isso não seja nem um pouco estranho numa época em que tanto a cidade quanto o país se equilibram à beira da ruína. Já faz tempo que as belas casas ao redor do lago viraram sede de manufaturas. As oficinas jogam seus dejetos diretamente na água, e dejetos humanos, restritos ao trecho cercado, transbordam sem que ninguém dê atenção. Cardell deixa escapar uma expressão obscena quando o calcanhar da bota abre um sulco na lama e ele é obrigado a agitar o braço sadio para manter o equilíbrio.

— Parece que nossa vaca encontrou uma prima podre e ficou assustada. Os açougueiros jogam as carcaças no lago. Vocês me acordaram à toa.

— Nós vimos um rosto na água. Um rosto de gente.

As ondas que batem de leve na margem formam uma espuma amarelo-clara. Alguma coisa podre, um calombo escuro, flutua a poucos metros mais para dentro. A primeira coisa que Cardell pensa é que aquilo não tem como ser uma pessoa. É pequeno demais.

— Como eu disse, são restos do açougue. Uma carcaça de animal.

A menina insiste que não está errada. O menino concorda agitando a cabeça. Cardell se rende com um muxoxo.

— Eu estou bêbado, ouviram bem? Embriagado. Bebum. Não se esqueçam disso quando alguém perguntar sobre aquela vez em que vocês convenceram o sentinela a dar um mergulhinho na

Ucharia, dando a maior surra do universo em vocês depois de sair da água, encharcado e cheio de raiva.

Ele tira o casaco do jeito canhestro dos manetas. A peruca de lã esquecida cai dentro na lama. Pouco importa. Aquela porcaria não custou quase nada e além disso está saindo de moda. Ele só a usa porque uma aparência mais digna melhora as chances de alguém oferecer um trago ou dois a um veterano de guerra. Ergue os olhos para o céu. Lá em cima, um apanhado de estrelas distantes reluz sobre a Baía de Årsta. Ele fecha os olhos para gravar dentro de si a beleza e entra no lago, perna direita primeiro.

A margem lamacenta não aguenta seu peso. Ele afunda até o joelho e sente a água do lago invadir o cano da bota, que permanece presa na lama quando o tombo involuntário puxa a perna para a frente. Com algo a meio caminho entre engatinhar e nadar cachorrinho, ele começa a adentrar mais no lago. A água entre seus dedos é espessa, cheia de coisas que nem os moradores da Ilha Sul consideram que vale a pena guardar.

A embriaguez embotou seu discernimento. Ele sente uma pontada de pânico quando o fundo do lago desaparece sob seus pés. O lago é mais profundo do que imaginava, e ele se vê de volta a Svensksund três anos antes, morrendo de medo, arremessado pelas ondas, a frente sueca batendo em retirada.

Quando seus chutes o impelem até perto o suficiente, agarra o corpo que flutua no lago. A primeira coisa que pensa é que ele tinha razão. É impossível que aquilo seja uma pessoa. É uma carcaça descartada, jogada ali pelos ajudantes de açougueiro, transformada em boia quando os gases da decomposição lhe expandiram as entranhas. O calombo então rola de frente e lhe expõe a face.

O rosto não está nem um pouco decomposto, mas mesmo assim o que o encara de volta são órbitas vazias. Por trás dos lábios rasgados não há dentes. Apenas os cabelos ainda conservam o brilho — a noite e o lago se esforçaram ao máximo para roubar-lhe a

cor, mas aquilo é sem dúvida uma cabeleira louro-clara. O arquejo súbito de Cardell enche sua boca d'água, e ele engasga.

Uma vez superado o acesso de tosse, ele flutua imóvel ao lado do cadáver enquanto examina seus traços devastados. Na margem, as crianças não fazem barulho algum. Ambas aguardam em silêncio o seu retorno. Ele segura o cadáver, dá meia-volta na água e começa a chutar com o pé descalço para retornar à terra firme.

O esforço aumenta quando ele chega à margem lamacenta e a água para de sustentar seu peso. Cardell se vira de costas e, chutando com as duas pernas, iça o corpo enquanto segura seu fardo pelo tecido esfarrapado que o envolve. As crianças não o ajudam. O que fazem é recuar tapando os narizes. Cardell pigarreia para tirar a água imunda da garganta e solta uma cusparada na lama.

— Vão correndo até a Eclusa e avisem aos Cadáveres.

As duas crianças não esboçam movimento algum para obedecer, tão ansiosas por manter distância quanto para dar uma olhada na pescaria. Só obedecem quando ele as acerta com um punhado de lama.

— Vão correndo até o posto de vigia noturno e chamem um maldito casaco azul, seus desgraçados!

Quando não ouve mais os pequenos pés das crianças, Cardell se inclina de lado e vomita. Um silêncio se abate, e nesse isolamento ele sente um abraço frio espremendo o ar para fora de seus pulmões, tornando impossível respirar. Seu coração bate cada vez mais rápido, o sangue lateja as veias do pescoço, e ele é invadido por um medo paralisante. Sabe muito bem o que vai acontecer agora. Sente o braço que não mais existe se materializar na escuridão até cada parte do seu ser lhe dizer que o membro está outra vez onde um dia esteve, e junto com ele uma dor lancinante o suficiente para anular o próprio mundo, feito uma boca com dentes de ferro a triturar carne, osso e cartilagem.

Em pânico, ele arranca as correias de couro e deixa o braço de madeira cair na lama. Segura o coto com a mão direita e massageia

a carne marcada por cicatrizes para forçar os sentidos a aceitarem que o braço não existe mais e que a ferida já cicatrizou faz tempo.

A crise não dura mais de um minuto. A respiração então retorna, primeiro em arquejos curtos, depois em inspirações mais calmas e lentas. O terror diminui e o mundo readquire seus contornos conhecidos. Esses súbitos ataques de pânico o vêm atormentando nos últimos três anos, desde que ele voltou da guerra com um braço e um amigo a menos. Mas isso tudo já faz muito tempo. Cardell pensava ter encontrado um jeito de evitar os pesadelos: bebidas fortes e brigas de bar. Ele olha em volta, como à procura de uma visão tranquilizadora, mas ali estão apenas ele e o cadáver. Segurando firme o coto do braço, ele fica se balançando de um lado para o outro.